

São Paulo, terça-feira, 30 de janeiro de 2007

FOLHA DE S.PAULO **acontece**

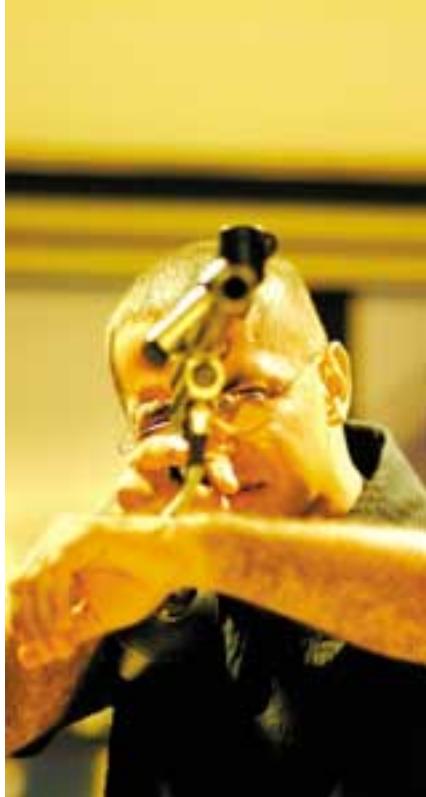
[Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Peça-instalação usa policiais para contar histórias

"Chácara Paraíso", que estréia sexta, convoca profissionais na ativa ou aposentados para dar depoimentos pessoais

Diretores do espetáculo, o suíço Stefan Kaegi e a argentina Lola Arias, tentam fugir do maniqueísmo e focar nas narrativas

Lenise Pinheiro/Folha Imagem



O ator/soldado Marcel, que está em "Chácara Paraíso" e fez parte do Corpo Musical da PM

VALMIR SANTOS
DA REPORTAGEM LOCAL

Um espetáculo com jeito de instalação, ou vice-versa, quer levar para o teatro um pouco da vida de agentes das polícias Civil e Militar de São Paulo. Não há atores, mas personagens reais, homens ou mulheres que estão na ativa, pediram baixa ou já se aposentaram. Até parente entra em cena. "Chácara Paraíso" é o novo projeto do diretor suíço Stefan Kaegi, radicado na Alemanha e ligado ao coletivo Rimini Protokoll. Em 2005, ele passou por São Paulo e Rio com "Torero Portero",

retrato do cotidiano de porteiros de prédios.

Agora, em co-direção com a argentina Lola Arias, a idéia é dar tratamento artístico a um tema belicoso para o Brasil acuado pela violência: como a polícia representa a si mesma?

A montagem, que estréia depois de amanhã, é encenada em salas de escritório, na Unidade Provisória Sesc Avenida Paulista. A cada 20 minutos, grupos de seis espectadores percorrem as salas.

"Nessa função, tem que ser um pouquinho de ator para fingir para as pessoas", diz o aposentado Pedro Amorim, 42, no ensaio de "Chácara Paraíso" que a **Folha** acompanhou.

Numa das salas do 14º andar, Amorim relata uma experiência-limite. Anos atrás, permaneceu numa favela como infiltrado num bando de assaltantes a banco. Certo dia, os bandidos suspeitaram de um colega dele, também infiltrado, e só não o mataram por causa da performance meliante de Amorim. Hoje, ele é dono de uma empresa de adestramento e dá seu depoimento pessoal ao lado da pastor alemão Agatha.

Antes de chegar à sala de Amorim, os grupos de seis espectadores terão passado por encontros individuais, de cerca de cinco minutos, entre quatro paredes, com protagonistas como a investigadora Beatriz (alguns participantes ocultam a identidade completa), há dez anos na Polícia Civil e atualmente cursando psicologia.

Beatriz, 28, é casada com um colega de ofício. Sentada atrás de uma mesa, como nas delegacias, ela mostra a tatuagem de escorpião (seu signo) atrás do pescoço, feita depois de entrar na polícia, onde acompanhou cerca de 30 mortes, incluindo a rebelião de 2002 na delegacia de Embu, quando 11 presos foram queimados ou asfixiados pela fumaça num incêndio.

Em seu encontro com o público, Luis Carlos, 38, hoje taxista, recorda os anos 1980, quando integrava a segurança do Palácio dos Bandeirantes.

Caráter biográfico

Misturando realidade e ficção, as narrativas curtas são ilustradas com fotos pessoais que reafirmam o caráter biográfico das narrativas. Kaegi e Arias incorporaram ainda a simulação de dois policiais que entram numa favela atrás de assaltantes. Há uma favela cenográfica semelhante à que os criadores viram na Chácara Paraíso, que abriga o centro de formação da PM em Pirituba.

Os 14 participantes foram escolhidos entre cerca de 50 candidatos, atraídos por anúncio em jornais. "Os participantes têm um jeito tímido de falar de si mesmos. Aprenderam a receber ordens e não a responder perguntas. Mas a Lola fixou com eles um roteiro mínimo", afirma Kaegi, 34.

A intenção do diretor é desviar da visão maniqueísta da polícia, da exaltação ou da denúncia. Na parte final, exibe um vídeo documentário sobre a incursão que ele e Arias, 30, fizeram na Chácara Paraíso.

Numa das passagens, o instrutor explica que o método para treinamento de tiro utiliza a sigla "V.I.D.A.", porque um policial precisa ver, identificar, decidir e agir. Em quatro segundos. O espetáculo corta então para trechos do clipe "Eu Acredito", produção da própria PM (também no YouTube) que expõe seus feitos com orgulho, ao som de "We Are the Champions", do Queen.

CHÁCARA PARAÍSO

Quando: estréia sex., 2/2, às 19h30; sex. a dom., às 19h30; até 11/2

Onde: Unidade Provisória Sesc Avenida Paulista (av. Paulista, 119, Cerqueira Cesar; tel. 3179-3700)

Quanto: R\$ 20

Próximo Texto: [Kaegi faz ações teatrais no espaço público](#)

[Índice](#)

Die Polizei, dein Freund und Spieler

Verdeckte Ermittlung am lebenden Objekt: Das Dokumentartheaterprojekt „SOKO São Paulo“ beim Spielart-Festival in München

„Theater muss wie Fußball sein!“ – selten wurde der popkulturelle Schlachtruf aus den frühen achtziger Jahren so wörtlich genommen wie an diesem Abend im ehemaligen Leibniz-Rechenzentrum in der Münchner Barer Straße. Zwölf Polizisten – die eben noch als Darsteller ihrer selbst durch einen dokumentartheatralischen Parcours führten, traten an zum Freundschaftsspiel München-São Paulo.

Die Grünen gegen die Blauen. Keine National-, sondern zwei Berufsmannschaften. Jedes Team eine Mischung aus Brasilianern und Deutschen, Männern und Frauen. Das Kunstrasenfeld im Foyer ist gerade mal 80 Quadratmeter. Torhöhe: 1,25. Das Spiel, angepfiffen von Schiri Tom aus Rio, dauert zweimal acht Minuten, und das Runde, das ins Eckige muss, ist ein kunterbunter Kinderball. Es ist das schönste, heiterste, lässigste Fußballmatch seit langem. Über Kopfhörer wird Stadionatmosphäre eingespielt, und die bewundernswürdige Hochgeschwindigkeits-Professionalität, mit der der Sportreporter Günther Koch das Spiel kommentiert und dabei auf die Biographien der einzelnen Spieler rekurriert, reißt zur Begeisterung hin.

Die Welt zu Gast bei Theaterfreunden: Das Regel- und Völkerverbindende Fußballmatch bildet das Finale der szentischen Installation „SOKO São Paulo“, einer der vielen Besonderheiten im Programm des Münchner Festivals Spielart, das noch bis Anfang Dezember internationale Theaterformen jenseits des Mainstreams vorstellt.

Die Uraufführung „SOKO São Paulo“ ist gewissermaßen das Nachspiel zu ei-



Auch die Wachtmeister des fünfachen Weltmeisters bleiben immer am Ball: Brasilianische Polizisten beim Fussball-Training.
Foto: Spielart

1995 ein Polizeibeamter im Dienst getötet, in São Paulo werden jeden Monat zwei bis drei Polizisten erschossen. Foto: Spielart

Trotzdem gibt es Gemeinsamkeiten, Ähnlichkeiten in den Angst-, Gefühls- und Rollenmustern. Denn Polizisten, das Schweizer Dokumentartheaterspezialist Stefan Kaegi – Mitglied des Regiekollektivs Rimini Protokoll – im Januar 2007 auf Einladung des Goethe-Instituts gemeinsam mit 17 brasilianischen Polizisten und Regisseurin Lola Arias und der Hochgeschwindigkeits-Professionalität, mit der der Sportreporter Günther Koch das Spiel kommentiert und dabei auf die Biographien der einzelnen Spieler rekurriert, reißt zur Begeisterung hin.

Das Regel- und Völkerverbindende Fuß-

ballmatch bildet das Finale der szentischen Installation „SOKO São Paulo“, einer der vielen Besonderheiten im Programm des Münchner Festivals Spielart, das noch bis Anfang Dezember internationale Theaterformen jenseits des Mainstreams vorstellt.

Die Uraufführung „SOKO São Paulo“ ist gewissermaßen das Nachspiel zu ei- gen Räumen werden aber auch gezeigt: Interviews, Gespräche mit Polizeischülern, von pathetisch ihr Berufsethik dierenden Polizeischülern in Paraiso, dem größten Ausbildungsbereich Südamerikas.

So puzzelt diese Inszenierung kein Stück, aber ein Stück Wissen, in der jeder sein eigenes Darstellungsobjekt und Dargestelltes gleich ist. Dass die Polizisten schon von Berufs wegen Sozialfachleute sein müssen, etwa bei Opfer-Tatorten oder als verdeckte Polizisten oder als Verbrecher, um seinen Sohn Pedro Amorim vermissen zu können. Agatha zu einem Biss in den Oberschenkel zu motivieren. Der Polizist Bennie Baumann zeigt ein Foto, auf dem er sich einst als Kustermann-Mörder verkleidet hat, wie es das Leben es sich als Leben abzeichnet. Lauten des Alltags“ bezeichnete Rimini Protokoll, mit denen Sieggi normalerweise seine Projekte titelt, die Laien aus dem echten Leben zu einem bestimmten Thema bestimmt. Bei der Verleihung des Theaterpreises „Faust“ an die Haut hing ihr wie Petzen von den Armen“, trotzdem habe sie um eine Zigarette gebeten – es war ihre letzte. Egal, welches von den 20 bespielten Zimmern man betritt (alle sind kaum zu schaffen in der leider viel zu knappen Zeit von 90 Minuten): Jedes gewährt einen ausschnittsartigen Einblick nicht nur in den Beruf, sondern – das hebt die Inszenierung über einen bloßen Informationsabend hinaus – meistens auch in eine erlebte, erlittene Biographie, die der jeweilige Protagonist selber darstellt und gestaltet; als Rolle in einem authentischen – wenn auch etwas museal anmutenden – Repräsentationstheater. In eini-

gen Räumen werden aber auch gezeigt: Interviews, Gespräche mit Polizeischülern, von pathetisch ihr Berufsethik dierenden Polizeischülern in Paraiso, dem größten Ausbildungsbereich Südamerikas.

So puzzelt diese Inszenierung kein Stück, aber ein Stück Wissen, in der jeder sein eigenes Darstellungsobjekt und Dargestelltes gleich ist. Dass die Polizisten schon von Berufs wegen Sozialfachleute sein müssen, etwa bei Opfer-Tatorten oder als verdeckte Polizisten oder als Verbrecher, um seinen Sohn Pedro Amorim vermissen zu können. Agatha zu einem Biss in den Oberschenkel zu motivieren. Der Polizist Bennie Baumann zeigt ein Foto, auf dem er sich einst als Kustermann-Mörder verkleidet hat, wie es das Leben es sich als Leben abzeichnet. Lauten des Alltags“ bezeichnete Rimini Protokoll, mit denen Sieggi normalerweise seine Projekte titelt, die Laien aus dem echten Leben zu einem bestimmten Thema bestimmt. Bei der Verleihung des Theaterpreises „Faust“ an die Haut hing ihr wie Petzen von den Armen“, trotzdem habe sie um eine Zigarette gebeten – es war ihre letzte. Egal, welches von den 20 bespielten Zimmern man betritt (alle sind kaum zu schaffen in der leider viel zu knappen Zeit von 90 Minuten): Jedes gewährt einen ausschnittsartigen Einblick nicht nur in den Beruf, sondern – das hebt die Inszenierung über einen bloßen Informationsabend hinaus – meistens auch in eine erlebte, erlittene Biographie, die der jeweilige Protagonist selber darstellt und gestaltet; als Rolle in einem authentischen – wenn auch etwas museal anmutenden – Repräsentationstheater. In eini-

gen Räumen werden aber auch gezeigt: Interviews, Gespräche mit Polizeischülern, von pathetisch ihr Berufsethik dierenden Polizeischülern in Paraiso, dem größten Ausbildungsbereich Südamerikas.

So puzzelt diese Inszenierung kein Stück, aber ein Stück Wissen, in der jeder sein eigenes Darstellungsobjekt und Dargestelltes gleich ist. Dass die Polizisten schon von Berufs wegen Sozialfachleute sein müssen, etwa bei Opfer-Tatorten oder als verdeckte Polizisten oder als Verbrecher, um seinen Sohn Pedro Amorim vermissen zu können. Agatha zu einem Biss in den Oberschenkel zu motivieren. Der Polizist Bennie Baumann zeigt ein Foto, auf dem er sich einst als Kustermann-Mörder verkleidet hat, wie es das Leben es sich als Leben abzeichnet. Lauten des Alltags“ bezeichnete Rimini Protokoll, mit denen Sieggi normalerweise seine Projekte titelt, die Laien aus dem echten Leben zu einem bestimmten Thema bestimmt. Bei der Verleihung des Theaterpreises „Faust“ an die Haut hing ihr wie Petzen von den Armen“, trotzdem habe sie um eine Zigarette gebeten – es war ihre letzte. Egal, welches von den 20 bespielten Zimmern man betritt (alle sind kaum zu schaffen in der leider viel zu knappen Zeit von 90 Minuten): Jedes gewährt einen ausschnittsartigen Einblick nicht nur in den Beruf, sondern – das hebt die Inszenierung über einen bloßen Informationsabend hinaus – meistens auch in eine erlebte, erlittene Biographie, die der jeweilige Protagonist selber darstellt und gestaltet; als Rolle in einem authentischen – wenn auch etwas museal anmutenden – Repräsentationstheater. In eini-

Eine letzte Zigarette

In kalten Zellen: Auf dem Münchner Spielart Festival treffen in „SOKO São Paulo“ Polizisten aus Brasilien und München aufeinander

An diesem Tag begann Eliana, durch kalte, kahle Zimmer, an sich vor sich selbst zu fürchten. Sie notierte die Nummer eines falsch parkenden Autos, als ein Mann auf sie zukam und sie als Hure beschimpfte. Sie tastete nach ihrer Waffe. „Ich überlegte“, meint die Frau mit dem freundlichen puppenhaften Gesicht, „ob ich ihm einen Straftzettel aussstellen oder ihn erschießen soll.“ Danach beschloss Eliana, den Dienst in den Straßen von São Paulo zu quittieren.

Das ist nur eine von vielen Geschichten, die einem bei „SOKO São Paulo“ den Atem rauben. Im ehemaligen Leibniz-Rechenzentrum in München haben der Regisseur Stefan Kaegi von Rimini Protokoll und die argentinische Autorin und Regisseurin Lola Arias für das diesjährige Theaterfestival „Spielart“ ihre szenische Installation eingerichtet. Auf zwei Stockwerken führt sie

durch kalte, kahle Zimmer, an deren Wänden Fotos und Zettel hängen. Hinter Schreibtischen sitzen brasilianische und deutsche Polizistinnen in kleinen Museen ihres Lebens, erzählen und beantworten in Umkehrung der Verhörsituation Fragen. In einigen der Zellen werden Videos gezeigt oder Übungen für den Schusswaffengebrauch in den Favelas demonstriert.

Anknüpfend an ein Projekt in São Paulo im Februar 2007 haben Kaegi und Arias brasilianische Polizistinnen nach Deutschland geholt, wo sie auf Münchner Kollegen treffen. Ein radikalerer Gegensatz ist kaum denkbar. In München, wo man nach der Polizei vorwiegend wegen Ruhestörung ruft, wurde vor zwölf Jahren zum letzten Mal ein Polizist im Dienst getötet. In São Paulo ist das Alltag. Der Süden der Stadt,

Gruppe hat in jüngerer Zeit überzeugender vorgeführt, wie aufregend Theater sein kann, abseits der Konvention des Betriebs, aber auch des Theoriegeschwurts und der nazistischen barocken Verspieltheiten mancher Performancekünstler.

Dabei wissen die Regisseure von Rimini Protokoll um die Fallen des Doku-Theaters, die Fiktivität des Authentischen. Es ist der hohe Grad an Bewusstheit, die intelligente Inszenierung der Offenheit, ernsthafte zu zuhören, statt die Wirklichkeit fragende in vorgefertigte Schnittmusterbögen zu zwingen, der demnächst ein Buch mit Beiträgen von Diedrich Diederichsen und Heiner Goebbels erscheint.

Perfekt planbar aber ist er natür-

lich nicht. So kann sich – das ist die Schwäche der offenen Struktur – zwischenrhein denn auch ein belangloses Geplänkel über die Brasilianerlebnisse eines Besuchers entspinnen.

Das Erstaunliche an diesem Theater ist, dass es reich ist an Angeboten für einen hochkomplexen Diskurs und dabei so unmittelbar daherkommt, dass es keinen ausschließt. Man braucht dafür kein schweres Begriffsgepäck. Am Ende wird es richtig lustig, wenn alle auf einem Fußballfeld zum Minimatch antreten, das der in Bayern kultige Sportreporter Günther Koch mit

überrossen und angezündet hat, kurz vor ihrem Tod die Kriminalhauptmeisterin um eine letzte Zigarette bat. „SOKO São Paulo“ ist irritierend, erschreckend, traurig, verwirrend, banal und brutal. Da beschwört eine junge Münchnerin die Unantastbarkeit von Recht und Ordnung und ein brasilianischer Polizeitrainer erklärt, warum es für Kopfschüsse die höchste Punktzahl gibt: „Problem gelöst.“

tazdossier
Alle aktuellen
Filmkritiken der
taz auf taz.de
www.taz.de/film

PETRA HALLMAYER

<http://www.tagesspiegel.de/kultur/ueberwachung-ist-alles/1245656.html>

DER TAGESSPIEGEL



31.05.2008 00:00 Uhr

Kultur

Überwachung ist alles

Von Christine Wahl

„Landsitz Paradies“: Doku-Theater mit brasilianischen Polizisten in Berlin

Es sieht äußerst sportiv aus, wenn Inês mit ihren knallroten Strumpfhosen unter den hippen Karo-Caprishorts in die Knie geht. So, erzählt die jugendliche Blonde bestens gelaunt, ringt sie Delinquentinnen jede noch so raffiniert in Körperöffnungen versteckte Kleinstwaffe oder Drogen ab.

Inês ist Militärpolizistin in São Paulo. Zumindest von Montag bis Freitag. Am Wochenende kann man sie als Stilberaterin in Modefragen buchen. Der Nebenjob bringe ungefähr das Zehnfache ein, berichtet Inês – und zwar bei einem Zehntel an Arbeitszeitaufkommen. Zwischen 300 und 400 Euro liegt das monatliche Durchschnittsgehalt eines brasilianischen Militärpolizisten.

Auch, wenn das die grassierende Korruption nicht entschuldigt: Es macht sie zumindest erkläbar.

„Chácara Paraíso“ („Landsitz Paradies“), die Performance-Installation des Rimini-Protokoll-Mitglieds Stefan Kaegi und der argentinischen Theatermacherin Lola Arias, eignet sich hervorragend dazu, Vorurteile über Bord zu werfen. Gerade, wenn man den umstrittenen Berlinale-Sieger-Film „Tropa de Elite“ gesehen hat, der den Anti-Drogen-Kampf militärpolizeilicher Spezialeinheiten in Favelas zwar jenseits des politischen Korrektheitsgebots, aber eben auch nur aus einer Perspektive schildert. Im Gegensatz dazu lösen Kaegi und Arias den imagegebeutelten Apparat in lauter heterogene Einzelschicksale auf: Im Zehnminutentakt durchqueren je zehn Zuschauer die tristen Räumlichkeiten des ehemaligen Arbeitsamtes am Mehringdamm 34, um in jedem Zimmer einem anderen Militärpolizisten zu begegnen. Zum Beispiel Eliana, die den Dienst quittierte, weil sie sich von einem cholischen Verkehrssünder um ein Haar zu einer Affekttötung hätte provozieren lassen. Oder Luis Carlos, der einen repräsentativeren Querschnitt durch brasilianische Polizeikarrieren zieht: Sein erster Kumpel aus der Ausbildungszeit wechselte zum privaten Wachdienst, wo er den Sohn seines Arbeitgebers entführte und tötete. Der zweite wurde während seiner Tätigkeit im Überfallkommando erschossen. Insofern darf sich der dritte, der als Geisel genommen und nackt auf einer

Straße abgesetzt wurde, fast glücklich schätzen.

„Chácara Paraíso“ ist benannt nach dem größten Militärpolizisten-Ausbildungslager Lateinamerikas, wo so naturgetreu wie möglich die Elendsviertel des Landes simuliert werden. Hier lernen die Azubis, mit vorgehaltener Knarre genau jene Bretterverschläge zu stürmen, aus denen sie oft selbst stammen. Zwei Monate lang haben Arias und Kaegi, auch gegen Widerstände, vor Ort für das Doku-Theater-Projekt recherchiert, das im Rahmen einer vom Goethe-Institut initiierten Projektreihe mit deutschen Künstlern im Februar 2007 in São Paulo entstand und jetzt dank des Brasilien-Festivals im HAU in notgedrungen variierter Form auch in Berlin zu sehen ist.

Tatsächlich stand das Projekt seinerzeit bis Stunden vor der Premiere in einem Bürohochhaus auf São Paulos Renommiermeile, der Avenida Paulista, auf der Kippe. Sieht man von den zahlreichen institutionellen Bedenkenträgern mal ab, blieben immer noch die Polizisten selbst, die häufig nicht auf offener Bühne reden wollten. Zudem rangiert es für viele Brasilianer außerhalb jeglichen Vorstellungsvermögens, sich überhaupt freiwillig mit Polizisten in einen Raum zu begeben. Vor diesem Hintergrund kann man sich den Heftigkeitsgrad der Debatten vorstellen, die Besucher in São Paulo teilweise mit den Akteuren ausfochten.

Verglichen damit kann die Installation hier in Berlin nur wie eine solide, differenzierte Informationsveranstaltung wirken. Auch mussten Kaegi und Arias wegen personeller oder räumlicher Veränderungen auf etliche tolle szenische Ideen verzichten. Während man etwa in São Paulo zuerst einen Raum mit breiter Fensterfront im 14. Stock betrat, wo einem ein Zivilfahnder per Kopfhörer seine Berufsgeheimnisse einflüsterte und man selbst mit einem Fernglas konspirative Blicke über die nächtliche Paulista werfen konnte, gleichen sich die Dramaturgien am Mehringdamm - aus nachvollziehbaren Gründen - in allen Räumen beträchtlich. Da die Erzählungen der Polizisten live von Dolmetschern ins Deutsche übersetzt werden, transportieren die Regisseure aus Straffungs- und Dynamikgründen einen Großteil der Biografien über beschriftete Fotos an den Wänden. Die Übersetzungen dämmen zudem die Unmittelbarkeit und die Ambivalenz der Berichte ein, die Kaegi und Arias so bestechend herausgearbeitet hatten.

Dennoch: Ein unbedingt sehenswerter Abend, der nebenbei die gewaltige lokale Kraft und Verwurzelung von Theater unter Beweis stellt. Etwas Besseres kann dem Genre eigentlich gar nicht passieren.

Noch heute, Mehringdamm 34, 19 bis 20.20 und 21 bis 21.50 Uhr, Einlass alle zehn Minuten